

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A VELHICE

THE SOCIAL REPRESENTATIONS ABOUT OLD AGE

Suellen Monteiro da Costa (G-UEMS/PIBIC-FUNDECT)
Silvane Aparecida de Freitas (UEMS)

Resumo: Pesquisar as representações sociais sobre a velhice implica fazer uma leitura não só dos aportes teóricos normativos e científicos, mas também do conhecimento cotidiano (senso comum), procurando examinar como essas representações emergem, as relações que estabelecem entre si e em que medida uma determina a outra. Assim sendo, o presente trabalho tem por finalidade socializar parte da análise do projeto de iniciação científica intitulado “As representações dos idosos sobre a velhice”, realizado com apoio da FUNDECT – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – Brasil, tendo como aporte teórico as teorias da análise do discurso e os estudos culturais. Portanto, até o presente momento, consideramos que as representações que nossa sociedade tem sobre o idoso é de silenciamento da realidade do idoso no meio social.

Palavras-chave: velhice. representações sociais. Ideologia. discurso.

Abstract: Find the social representations of old age requires a reading not only the theoretical and normative science, but also of everyday knowledge (common sense), trying to examine how these representations emerge, establishing the relationships between themselves and the extent to which one determines the another. Therefore, this study aims to socialize part of the analysis of basic scientific research project entitled "Representations of the elderly about aging," held with the support of FUNDECT - Foundation to Support the Development of Education, Science and Technology of the State of Mato Grosso do Sul - Brazil, having as a theoretical theories of discourse analysis and cultural studies. So at the moment, we consider the representations that our society has on the elderly is the mute reality of the elderly in the social environment.

Key words: aging. social representations. Ideology. discourse.

Introdução

Graças à redução da taxa de fecundidade e ao aumento da expectativa de vida, a longevidade tem se tornado um fato crescente no mundo, e o Brasil vem acompanhando essa tendência, cujo nome é “envelhecimento populacional”. Estamos em plena “Era do Envelhecimento”, período que vai de 1975 a 2025, segundo a Organização das Nações Unidas que, em 1982, promoveu em Viena (Áustria) uma reunião de representantes de diversos países denominada “Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento” com a finalidade de estudar, discutir, conhecer e estabelecer critérios e planos de ação relacionados ao tema, ao novo contexto no qual se encontra a população mundial. (COSTA, 1998, p. 15).

O IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – publicou, em 14/11/2007, que há no Brasil 183, 9 milhões de habitantes e, desse total, 19 milhões, ou 10,2% da população, correspondem a idosos. Dos 19 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, 14,6 milhões (76,6%) são beneficiários da Previdência. Quando considerados os idosos de 65 anos ou mais esse percentual eleva-se para 84,6%. (FERREIRA, 2009).

Acompanhando o cenário de envelhecimento da população brasileira, inúmeras

Interfaces da Educ.	Paranaíba	v. 1	n. 2	p. 16-27	2010
---------------------	-----------	------	------	----------	------

políticas públicas vêm sendo implantadas no sentido de propiciar o bem estar social da pessoa idosa, direitos foram garantidos e reafirmados no Estatuto do Idoso, sancionado em outubro de 2003, e as ciências médicas formulam novos saberes e planos de atendimento a esta faixa etária.

Anterior ao quadro de ações que visam garantir uma melhor qualidade vida para a população idosa, a problemática social do idoso tem sido reinventada dentro do sistema de relações capitalista, que gera, por sua vez, um modo capitalista de pensar a velhice. De um estado de silenciamento coletivo sobre o tema, verificamos hoje, nas ciências médicas, nos discursos do Estado e no meio acadêmico, uma explosão discursiva sobre a velhice.

Segundo Durigan & Queiroz,

A questão do idoso tem ocupado um lugar de relativo destaque em distintos setores da sociedade (televisão, documentos, igreja, escola, filantropia), apresentando-se como mais um problema social a ser enfrentado, seja pelo poder público, seja pela família, pelos diferentes segmentos sociais de iniciativa privada ou pela universidade. (2005, p. 114).

O sistema complexo de representações produzido em torno da etapa final da vida humana constitui tema pertinente para os estudos da Análise do Discurso (AD), a partir da relação que essa forma de conhecimento estabelece entre Linguística e Ciências Sociais. Nesse estudo, o dispositivo teórico da AD vem estabelecer sua prática à medida que estuda os elementos discursivos, suas relações de contradições, constituindo, assim, a visão de mundo dos sujeitos inscritos nos discursos sobre a velhice.

A Análise do Discurso, conforme Orlandi (1994, p. 53), “produz realmente outra forma de conhecimento, com seu objeto próprio, que é o discurso. Este por sua vez se apresenta como o lugar específico em que podemos observar a relação entre linguagem e ideologia.” A leitura dos pressupostos teóricos da AD nos permitirá, portanto, compreender como essas representações sobre a velhice emergem, a ideologia presente no seu discurso, suas estratégias discursivas, as relações que estabelecem entre si e em que medida contribuem com a alteração da exterioridade, com uma reinvenção da terceira idade.

Uma breve fundamentação teórica sobre representações sociais, sua construção, circulação e transformação, dará apoio à compreensão da realidade socialmente construída como manifestação de um aparato ideológico de setores que transferem para a questão social da velhice reflexos das relações, processos e estruturas do capitalismo.

Tendo por objeto procurar conhecer a produção do sistema de representações sobre a velhice, o presente artigo integra nosso projeto de iniciação científica intitulado “As representações dos idosos sobre a velhice”, desenvolvido com apoio da FUNDECT-MS. A parte da nossa pesquisa aqui apresentada é fundamentalmente de cunho bibliográfico, ampliada na análise qualitativo-interpretativa do discurso produzido por setores como o Estado, a geriatria e gerontologia, a psicologia e algumas construções cristalizadas no conhecimento cotidiano.

1. Sobre representações sociais

Nos últimos anos, o conceito de representação social tem aparecido com grande

Interfaces da Educ.	Paranaíba	v. 1	n. 2	p. 16-27	2010
---------------------	-----------	------	------	----------	------

frequência em trabalhos de diversas áreas, oferecendo para estas uma proposta de análise que, segundo Jovchelovitch (1995, p. 79), não se centra mais no sujeito individual, mas nos fenômenos produzidos pelas construções particulares da realidade social. A teoria das representações sociais estabelece como problema central a análise do social enquanto totalidade. Assim, são as mediações sociais, em suas mais variadas formas, que geram as representações sociais.

Em Moscovici, a ideia de representações sociais é sistematizada da seguinte forma: A representação social é uma forma de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. (MOSCOVICI apud DOTTA, 2006, p. 17). Para a perspectiva moscoviciano, toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas, produzindo determinados comportamentos, definindo simultaneamente a natureza dos estímulos que cercam e provocam os indivíduos, e o significado das respostas a serem dadas.

A reprodução do universo exterior materializada nas representações envolve um remanejamento de estruturas, remodelação de elementos, reconstrução de dados, considerando o contexto de valores, das regras e condutas desejadas.

A autora lembra ainda que quando Moscovici considera uma representação social como preparação para a ação, ele o faz apontando que não o é somente na medida em que conduz o comportamento, mas sobretudo que remodela e reconstitui elementos da própria exterioridade em que o comportamento deve se inscrever. (2006, p. 18) Dito de outra forma, o plano de ação da representação ultrapassa a intersubjetividade dos sujeitos, altera a dinâmica e os elementos da realidade social, provocando uma ruptura entre o universo exterior e o universo do indivíduo ou do grupo.

Nas palavras de Jovchelovitch, as representações sociais

[...] não apenas surgem através das mediações sociais, mas tornam-se elas próprias mediações sociais. E enquanto mediação social, elas expressam o espaço do sujeito na sua relação com a alteridade, lutando para interpretar, entender e construir o mundo. (1995, p. 81)

A representação social opera uma transformação do sujeito e do objeto na medida em que ambos são modificados no processo de elaborar o objeto, ou seja, seu *status* é o de uma produção de comportamentos e relações com o meio, o de uma ação que modifica uns e outros, e não o de uma simples reprodução do universo exterior formulada a partir da subjetividade, e que a esta fica circunscrita.

Partindo da definição de Denise Jodelet, de que “as representações sociais são uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET apud ARRUDA, s.d., p.138), temos que o sistema de representações sociais sobre a velhice constitui um conjunto dinâmico destinado não somente à interpretação, mas, sobretudo, à reinvenção da velhice no cenário pós-moderno. As representações são uma estratégia desenvolvida por atores sociais para enfrentar a problemática da velhice, num espaço

Interfaces da Educ.	Paranaíba	v. 1	n. 2	p. 16-27	2010
---------------------	-----------	------	------	----------	------

potencial de fabricação comum, onde cada segmento vai além de sua própria territorialidade para entrar em domínio diferente, e assim construir uma representação comum da terceira idade. Esses processos são processos de mediação social, inscritos no modelo capitalista de pensar as relações entre os indivíduos.

Para Haddad (1986), em “A Ideologia da Velhice”, a problemática social da velhice no interior do modo capitalista de produção é, ao mesmo tempo, modo capitalista de pensar, não podendo ser estudada no singular, uma vez que carrega consigo muitas questões conexas. Nessa perspectiva, o conjunto de representações sobre a etapa final da vida humana estaria organizado segundo as determinações básicas do modo capitalista de produção, na medida em que reproduz ideias, valores, princípios e doutrinas fundamentais à reprodução de suas relações. (p. 15-16).

2. Ideologia e formação discursiva

Em “Psicologia social contemporânea”, Guareschi afirma que “talvez não exista conceito mais escorregadio e sujeito a equívocos, no campo das ciências sociais, do que o de ideologia.” E que a crescente importância da ideologia deve-se hoje ao fato de nossa sociedade e o mundo tornarem-se cada dia mais “imateriais”, sempre mais sustentadas pelo domínio do verbal e do simbólico. (GUARESCHI, 1998, p. 90).

A ideologia assumida como uma prática, uma estratégia de ação,

[...] afasta nossa atenção de idéias abstratas de doutrinas filosóficas e teóricas, concentrando, em vez disso, nossa atenção nas *maneiras* como as formas simbólicas são usadas e transformadas em contextos sociais específicos. É uma concepção que nos obriga a examinar as maneiras como as relações sociais são criadas e sustentadas por formas simbólicas que circulam na vida social, aprisionando as pessoas e orientando-as para certas direções. (GUARESCHI, 1998, p. 95).

De acordo com esse enfoque, os fenômenos ideológicos só são ideológicos quando situados em determinado contexto histórico-social onde passam a estabelecer e sustentar as relações de dominação. Da interação verificada entre poder e sentido, a ideologia rompe as fronteiras do simbólico e estabelece sua prática na medida em que cria e sustenta as relações sociais de dominação.

Dentro de uma concepção marxista de ideologia, Chauí escreve que

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar os membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes a partir das divisões na esfera da produção. (CHAUÍ, 2001, p.108-109).

Interfaces da Educ.	Paranaíba	v. 1	n. 2	p. 16-27	2010
---------------------	-----------	------	------	----------	------

Aqui, a ideologia é entendida como um instrumento de dominação de classe, e como tal, sua origem é a existência da divisão da sociedade em classes. Portanto, não é vista como um processo subjetivo consciente, algo que já está no indivíduo, mas como um fenômeno objetivo e subjetivo involuntário, produzido pelas condições objetivas da existência social dos indivíduos.

Chauí (2001) argumenta que a ideologia é uma ilusão, isto é, uma abstração que possui uma base real, mas que essa base está invertida, no campo na aparência social. Abstração porque é o conhecimento de uma realidade tal qual ela se apresenta a nossa experiência imediata, como algo dado, feito e acabado, sem nunca indagar como tal realidade foi socialmente construída; ilusão por tomar “o resultado de um processo como se fosse seu começo, tomar os efeitos pelas causas, as consequências pelas premissas, o determinado pelo determinante”. (CHAUÍ, 2001, p. 94).

Nessa concepção, a ideologia é uma ilusão necessária à dominação de uma classe, que não permite pensar a realidade de outra forma senão dentro de um sistema bem arquitetado de ideias e valores que negam as contradições do real, que escondem as desigualdades produzidas no interior da sociedade de classes.

Na sua análise sobre a questão da velhice no Brasil, Haddad explicita que “a ideologia da velhice é, pois, entendida como parte essencial do funcionamento das sociedades capitalistas, cuja contradição principal é a sua divisão em classes sociais.” (HADDAD, 1986, p. 17). A ideologia em torno da velhice é compreendida, pela autora, como elemento fundamental à reprodução das relações capitalistas na medida em que a reprodução das relações capitalistas implica a reprodução de ideias, valores, princípios e doutrinas organizados segundo as determinações básicas do modo capitalista de produção.

Logo, as propostas para a melhoria das condições de vida dos velhos, enquanto integrantes da ideologia da velhice, amparam-se na ideia de que é necessário lutar no sentido de beneficiar esta parte esquecida da sociedade, ao mesmo tempo em que escamoteiam a problemática da exploração de mão-de-obra, da qual esta população foi e continua a ser vítima.

Entre os estudiosos da AD, tem-se que os discursos devem ser pensados em seus processos histórico-sociais de constituição, visto que a noção de sentidos é dependente da inscrição ideológica dos sujeitos, do lugar histórico-social de onde se enuncia, considerando o contexto e as condições de produção que envolvem o discurso.

Como destaca Orlandi (1994, p. 56), “ao introduzir a noção de sujeito e situação (contexto, exterioridade) a Análise do Discurso afirma o descentramento do sujeito”. A ideologia é estabelecida como o imaginário que medeia a relação do sujeito com as condições de sua existência, ou melhor, ela é condição para essa relação.

Em “Linguagem e ideologia”, Fiorin traz que refletir sobre a questão das relações entre linguagem e ideologia trata-se de uma questão velhíssima, não bastando apenas “dizer que a linguagem é instrumento de poder e que os segmentos sociais dominantes tentam ridicularizar a palavra dos dominados”. (FIORIN, 2004, p. 7). A intenção de uma análise

Interfaces da Educ.	Paranaíba	v. 1	n. 2	p. 16-27	2010
---------------------	-----------	------	------	----------	------

dessas relações deve ser a de verificar qual é o lugar das formações ideológicas, como a linguagem veicula a ideologia e mostrar o que é ideologizado na linguagem.

Para Orlandi (1994, p. 56), não se trata de procurar conteúdos ideológicos, mas de procurar as estratégias discursivas, os processos discursivos dentro dos quais ideologia e linguagem se configuram de forma a produzir sentidos. Nessa perspectiva, para a Análise do Discurso, não há sentido sem interpretação, diante de qualquer objeto simbólico, o homem é levado a interpretar. Pela ideologia, se naturaliza o que é produzido pela história. “A ideologia é interpretação de sentido em certa direção, direção determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários”. (ORLANDI, 2007, p. 31).

Assim, buscamos em Bakhtin (1992) o conceito de ideologia, o qual é entendido como o conjunto dos reflexos e de interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras ou outras formas sócio-sígnicas. Assim, ideologia é a expressão de uma tomada de posição, uma produção de sentido de um determinado sujeito, em determinadas circunstâncias sócio-históricas.

Para esse autor, a palavra é o signo ideológico por excelência, produto da interação social, caracteriza-se pela plurivalência. Por isso é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia, retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes, pontos de vista daqueles que a empregam. Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes.

Ratificando tais pressupostos, Pêcheux também afirma que as palavras têm sentido em conformidade com as formações ideológicas em que os sujeitos se inscrevem, o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo”, mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões, proposições são produzidas. (PÊCHEUX, 2009, 132).

Se, por um lado, o discurso é em si a materialização das formações ideológicas – e a partir dessa materialização estabelece sua prática – por outro, nesta visão, não se pretende engajar contra essa “ilusão necessária” que toma conta dos discursos dominantes. Podemos situar aqui uma primeira fenda na relação que a Análise do Discurso visa estabelecer entre Linguística e Ciências Sociais.

Assim sendo, poderíamos nos perguntar onde foi que se perdeu Foucault? Adentrando na formação discursiva, podemos trazer a seguinte proposição do autor:

Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo. Mas enquanto a regularidade de uma frase é definida pelas leis de uma língua, e a de uma proposição pelas leis de uma lógica, a regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva. (FOUCAULT, 2002, p. 135).

Não temos aqui a pretensão de investir numa profunda reflexão da perspectiva foucaultiana sobre formação discursiva, por isso, uma análise ainda que superficial do tema faz-se necessário com o auxílio de outros autores.

Segundo Fernandes (2006, p. 53), uma formação discursiva remete-nos “ao que se pode dizer somente em determinada época e espaço social, ao que tem lugar e realização a partir de condições de produção específicas, historicamente definidas”. Nesse sentido, a formação de um discurso resulta da combinação de diferentes discursos que, por sua vez,

Interfaces da Educ.	Paranaíba	v. 1	n. 2	p. 16-27	2010
---------------------	-----------	------	------	----------	------

refletem determinada formação social.

À noção de que todo discurso remete a outros discursos, temos que uma formação discursiva nunca é homogênea, e que sua unidade vincula-se a ideia de dispersão, pois, como argumenta Foucault (2002, p. 28), “todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um *já-dito*” (grifo nosso); e que este *já-dito* é sempre um *jamais-dito*, um discurso ainda sem corpo, mas que já se encontra articulado nesse espaço que lhe é prévio, nesse meio-silêncio do discurso que ele recobre e faz calar. Assim, uma formação discursiva resulta de outros discursos registrados na memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos.

3. Discursos sobre a velhice: ideologia em cena

Como já dito, o aumento crescente da população idosa depara-se, na mesma proporção, com uma explosão discursiva sobre a velhice. Discursos que ora tratam a questão da velhice como problemática social, ora como objeto de reflexão na campanha pela “arte de saber envelhecer” e outros que propagam a fixação da imagem fragilizada e infantilizada do idoso fazem parte desse conjunto de representações produzidas pelo Estado, pela geriatria, gerontologia e psicologia. Nesse sentido, procederemos a uma breve análise de algumas sequências discursivas produzidas por esses segmentos no que se refere à terceira idade.

O saber médico sobre a velhice tem sido largamente difundido em nossa sociedade por meio dos meios de comunicação, das universidades, de sociedades científicas, de sociedades beneficentes, estando presente também no discurso do Estado. (HADDAD, 1986, p. 23).

A gerontologia – enquanto ciência que se ocupa do estudo do envelhecimento – e a geriatria – que por sua vez cuida das pessoas idosas dentro de uma dimensão mais social que biológica – tem por funções, segundo os teóricos do assunto, prestar esclarecimentos e orientações ao geronto. Tais ciências médicas pronunciam-se, formulam explicações e prescrevem atitudes e comportamentos com a finalidade de melhorar a qualidade do fim da vida.

Oswaldo Fustinoni, na época, membro titular da Academia Nacional de Medicina Argentina, certa vez afirmou sobre o estágio da velhice:

[...] contando que levem uma vida normal, os seres humanos passam por uma série de três estágios desde o nascimento até a morte: o primeiro, época de progresso, desenvolvimento e evolução, é a juventude; o segundo, época da estabilização e equilíbrio, é a idade adulta e a maturidade; e o último é a época da regressão ou velhice.

O gerontologista francês Huet propôs, para o último estágio, a designação “Terceira Idade” e este termo ganhou logo aceitação geral.

Considera-se que a Terceira Idade tenha seu princípio cronológico na época comumente declarada em muitos sistemas legislativos de aposentadoria por emprego lucrativo, cuja faixa etária varia de 60 a 65 anos, mas de fato, as mudanças características da Terceira Idade já começam a tornar-se evidentes mais cedo. (FUSTINONI, 1982, p. 8 apud HADDAD, 1986, p. 25).

Dentre os discursos proferidos por profissionais dessas ciências nas décadas de 70 e 80, também merece destaque a seguinte afirmação de Jarbas José Ávila, da Associação

Interfaces da Educ.	Paranaíba	v. 1	n. 2	p. 16-27	2010
---------------------	-----------	------	------	----------	------

Médica e da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia:

O velho sadio não é psicológica nem fisiologicamente velho. O que caracteriza a velhice não é quantidade dos anos vividos. Nem é o estado das artérias, como dizia Metchnikof. Nem é anormalidade endócrina, como queria Pende. O que caracteriza a velhice é a perda dos ideais da juventude, é a dessintonização com a mentalidade do seu tempo, é o desinteresse pelo cotidiano nacional e internacional, é o humor irritadiço, é a desconfiança no futuro, o desamor ao trabalho. (ÁVILA, 1978, p. 25, apud HADDAD, 1986, p. 26).

Nessas sequências, examinamos tentativas dos profissionais da medicina geriátrica de definir o que é velhice e quais as características que definem esta fase da vida humana. Ambas, no entanto, indiciam a ausência de unanimidade sobre o que é ser velho, apelando, assim, para formulações doutrinárias e comparações irregulares da velhice com outras fases.

Segundo Haddad (1986, p. 42), “a questão social da velhice é formulada desconsiderando os fundamentos materiais da sua existência, vista como ameaça que paira sobre todos os homens, independentemente do lugar que ocupam no processo produtivo [...]”. A geriatria e a gerontologia são responsáveis pela produção de um modo de pensar a questão da velhice que ignora as forças reais que explicam o processo de surgimento da problemática, que desconsidera as condições histórico-sociais desses indivíduos que hoje não mais satisfazem às necessidade do processo produtivo.

Notamos que é graças a essas lacunas, a esse *não-dito*, que o discurso ideológico sobre a velhice mantém-se coerente e atuante dentro das relações capitalistas de produção. Pois como registra Chauí (2001, p. 109), “o discurso ideológico é coerente e racional porque entre suas “partes” ou entre suas “frases” há “brancos” ou “vazios” responsáveis pela coerência.” O discurso ideológico sobre a velhice é coerente porque não diz tudo, porque define o que é ser velho e sistematiza orientações a partir da negação das condições sócio-históricas desse sujeito idoso.

A autora de “Gerontodrama: a velhice em cena”, Elizabeth Maria Sene Costa, traz que o envelhecimento passou a ser analisado simplesmente em seus aspectos deficitários e decadentes, porque “na sociedade industrial não se admite alguém que não produza”. (1998, p. 52). Tal noção que temos de velhice, para Bosi, decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. Acrescenta que a própria psicologia social contribuiu com a difusão de representações estigmatizadas dos idosos ao conferir à sociedade industrial o estatuto da objetividade e da racionalidade. (BOSI, 2009, p. 81).

Nesse sentido, Ferreira (2009) argumenta que a própria perspectiva biomédica foi responsável pela construção e fixação da imagem fragilizada e infantilizada do idoso. O olhar geriátrico sobre o envelhecimento contribuiu para a negativização do lugar da senescência e a positivação do lugar da juventude. Tais dados acerca da velhice mostram o quanto o velho vai sendo subordinado às ciências médicas, que o estigmatizam e o dimensionam sobre o pressuposto das instituições que têm o papel de protegê-los.

Apresentando-se como as principais instâncias produtoras do discurso competente sobre a velhice, essas ciências formulam representações sobre os idosos sempre a partir de

Interfaces da Educ.	Paranaíba	v. 1	n. 2	p. 16-27	2010
---------------------	-----------	------	------	----------	------

elementos enfatizados pelo sistema de produção, tais como “juventude, trabalho, desenvolvimento, progresso” e outros elementos que desconsideram a produção social da velhice. Ao falar da velhice, do que é ser velho, estabelece-se a todo momento a comparação com outros estágios, outros elementos que terminam por negar a velhice enquanto realidade experimentada e construída por seus sujeitos.

Com base nos fragmentos acima, temos que as próprias ciências médicas deixam claro em seus discursos que a terceira idade é caracterizada como o estágio da regressão em relação aos estágios da juventude e da idade adulta, tidos como época do progresso e época da estabilização, respectivamente. Dentro de uma análise dos discursos sobre a velhice, na sua relação com outros discursos inscritos na formação social, podemos traçar um paralelo entre a expressão “terceira idade” e o termo “Terceiro Mundo”, hoje com outro sentido do que tivera inicialmente.

Segundo Sene (2000, p. 47), o termo Terceiro Mundo, no contexto da regionalização dos três mundos durante a Guerra Fria, surgiu em um artigo publicado pelo demógrafo francês Alfred Sauvy, em 1952, num paralelo entre os países subdesenvolvidos e o Terceiro Estado, durante a Revolução Francesa. O Terceiro Estado representava cerca de 96% de toda a população francesa, sendo formado pela burguesia, pelos *sans-cullote* (artesãos, assalariados, desempregados e marginalizados) e camponeses. Constituíam a imensa maioria da população, no entanto, pouco, ou quase nada, representavam no sistema político da época. (COTRIM, 2002, p. 257). Sauvy concluiu o artigo, intitulado “Três Mundos, um planeta”, com a seguinte frase: “pois enfim esse Terceiro Mundo, ignorado, explorado, desprezado, tal como o Terceiro Estado, também quer ser alguma coisa.” (SENE, 2000, p. 47-48).

Durante a Guerra Fria (1947-1989), uma das classificações da nova ordem mundial agrupou os países em três grandes conjuntos: o Primeiro Mundo, que reunia os países capitalistas desenvolvidos, liderado pelos Estados Unidos; o Segundo Mundo, formado pelos países socialistas, sob a liderança da União Soviética; e o Terceiro Mundo, integrado pelos países subdesenvolvidos, capitalistas em sua maioria e localizados na África, Ásia e América Latina. Inicialmente “o termo Terceiro Mundo ganhou uma conotação de não-alinhamento, identificando a busca de uma terceira via de desenvolvimento, alternativa ao capitalismo norte-americano e ao socialismo soviético”. (SENE, 2000, p. 48).

Após a queda do Muro de Berlim, em 1989, e o desmembramento da União Soviética, não se pode mais falar na existência de dois blocos geopolíticos rivais, e, por conseqüência, de uma terceira via, não alinhada. Com a emergência da globalização, Terceiro Mundo virou sinônimo de subdesenvolvimento, passando a identificar atraso econômico, miséria, desigualdade social, baixos indicadores de desenvolvimento, desrespeito aos direitos humanos, à democracia etc.

O que seria pior? O termo terceira idade equivalente a uma terceira via hoje extinta pelo avanço do capitalismo, ou um termo que, dentro de um sistema classificatório e excludente, tornou-se sinônimo de subdesenvolvimento, atraso em relação àqueles que já alcançaram o tão exaltado progresso? Assim como o Terceiro Mundo é apenas terceiro por

Interfaces da Educ.	Paranaíba	v. 1	n. 2	p. 16-27	2010
---------------------	-----------	------	------	----------	------

não se alinhar às características do Primeiro Mundo, a terceira idade é apenas terceira por não se ajustar ao progresso que caracteriza as idades que a antecedem.

O Estado, por sua vez, também se utiliza da gerontologia e geriatria como instrumentos destinados a reproduzir a figura física e psicológica do idoso. (HADDAD, 1986, p. 72). Em seu parágrafo 1º, o art. 15 do Estatuto do Idoso consta que dentre os serviços para prevenção e a manutenção da saúde do idoso estão o atendimento geriátrico e gerontológico da população e a reabilitação orientada por essas duas ciências médicas, para **redução das sequelas decorrentes do agravo da saúde** (grifo nosso). (BRASIL, 2003, p. 13).

Como se pode constatar, o conteúdo desse fragmento revela, por um lado, a preocupação do Estado em oferecer um atendimento médico-hospitalar satisfatório aos idosos, e, por outro lado, o interesse do Estado no saber médico dessas duas ciências, que conteriam em si uma resposta eficaz à “redução das sequelas decorrentes do agravo da saúde”. A gerontologia e a geriatria colocam-se a serviço do Estado brasileiro no seu projeto de ação de tutelar a velhice, numa meta que pretende exercer cuidados sobre os idosos sem questionar a problemática social que afeta esses indivíduos, sem questionar o sistema de exploração de mão-de-obra que fez adoecer tantos homens e mulheres que hoje vivem a tragédia da velhice.

Sobre o envelhecimento da população brasileira e seus desafios, temos também exemplos de discursos como a sequência abaixo, em artigo publicado pelo Dr. Frei Antônio Moser na “Revista Eclesiástica Brasileira”:

Ora o que ocorreu no Brasil e em outros países até há pouco considerados “jovens”, e que hoje se deparam com um alto índice de pessoas idosas sem condições estruturais adequadas para acolhê-las, não foi fruto de um processo de amadurecimento. Essa situação desconfortável resulta de uma freada brusca imposta por forças externas que não apenas foram implantando uma mentalidade contraceptiva, mas até oferecendo todo tipo de contraceptivos. (MOSER, 2007, s/p.).

Por trás do discurso sobre o envelhecimento da população brasileira estão outros discursos, frutos de uma posição ideológica que aponta tal tendência como uma problemática de cunho ético e moral. O discurso da religião, ao tratar da longevidade crescente no contexto brasileiro, coloca ênfase nos fatores que levaram a essa freada brusca do crescimento da população. Assim como os discursos da mídia, ao destacar o crescimento expressivo da população de idosos, ressaltam a questão como mais um problema social agravante do *déficit* previdenciário, tal análise em torno dos desafios da nova tendência direciona-se para elementos que a Igreja condena e quer chamar atenção: a utilização de métodos contraceptivos. Ainda que se queira falar dos desafios dessa longevidade crescente, a velhice é tratada apenas como resultado de um controle de natalidade imposto pela utilização de métodos contraceptivos.

Mais uma vez, a população idosa é desconsiderada em sua construção social, desconsiderada como realidade concretamente experimentada por indivíduos que sobreviveram às relações de exploração do processo produtivo, e hoje se tornou tema secundário na discussão de outros temas mais pertinentes às preocupações éticas e morais do discurso religioso.

Interfaces da Educ.	Paranaíba	v. 1	n. 2	p. 16-27	2010
---------------------	-----------	------	------	----------	------

Considerações finais

A análise em torno das representações sobre a velhice nos permite localizar em que medida tais representações – apresentadas sobre formulações, muitas vezes, doutrinárias e apelativas ao senso comum – contribuem para o agravamento da problemática da velhice e reproduzem as formações ideológicas de um modo de produção no qual os homens realmente são transformados em coisas e as coisas são realmente transformadas em “gente”. (CHAUÍ, 1986, p.56)

Ao contrário do que se pretende passar, tal explosão discursiva sobre a terceira idade está longe de convergir num real interesse pelo bem estar da pessoa idosa, e, portanto, pela mudança da sociedade que fez dos indivíduos mercadorias. Numa cultura que deifica a juventude, a formação discursiva tem cumprido seu papel de sustentar e reforçar as relações de dominação, que estigmatizam, negam o fraco e impõem, mediante um discurso declarado competente, certa rigidez à estrutura social.

Ao concluir que as representações sociais sobre a velhice são, em si, uma forma de dominação, que esconde e silencia, podemos nos questionar, então, sobre um movimento de redescoberta e valorização da velhice. Como parte da questão, reiteramos as palavras de Simone de Beauvoir, que, à pergunta de como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permanecesse um homem, responde: “Seria preciso que ele sempre tivesse sido tratado como homem”. (BEAUVOIR apud BOSI, 2009, p. 81).

Nesse movimento de “voltar-se ao indivíduo”, faz-se necessário mudar a vida, refazer as relações humanas doentes, superar o domínio do material sobre o humano, para que os velhos não mais sejam representados por outros, mas apresentem-se eles mesmos em sua velhice.

Referências bibliográficas

- ARRUDA, Angela. Teoria das Representações. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, novembro/2002. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/teoria_das_representacoes.pdf>. Acesso em: 18 maio 2010.
- BAKHTIN, Michel. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1992.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Lei nº 10. 741, de 01 de outubro de 2003. *Estatuto do Idoso*. Brasília: Senado Federal: Câmara dos Deputados, 2003.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- COSTA, Elisabeth Maria Sene. *Gerontodrama: a velhice em cena*. Estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade. São Paulo: Ágora, 1998.

Interfaces da Educ.	Paranaíba	v. 1	n. 2	p. 16-27	2010
---------------------	-----------	------	------	----------	------

- COTRIM, Gilberto. *História para Ensino Médio: Brasil e geral*. São Paulo: Saraiva, 2002.
- DOTTA, Lanete Thomas. *Representações sociais do ser professor*. Campinas: Alínea, 2006.
- DURIGAN, Marlene; QUEIROZ, Elisa Alves de. Discursos sobre a velhice: da Campanha da Fraternidade ao Estatuto do Idoso. In: GUERRA, Vânia Maria Lescano. *Olhares interdisciplinares na investigação sobre a linguagem*. Cáceres, MT: Editora da Unemat, 2005.
- FERNANDES, Cleudemar. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FERREIRA, T. C. Construção de sentido no discurso dos idosos velhos. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais. Maringá, 2009, p. 2150-2159.
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução L. F. Baeta Neves 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002 (1969).
- GRESSLER, Lori Alice. *Introdução à pesquisa: projetos e relatórios*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- GUARESCHI, Arcides Pedrinho. Ideologia. In: STREY, Marlene Neves. et al. *Psicologia social contemporânea*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). *Textos em representações sociais*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MOSER, Antônio. O envelhecimento da população brasileira e seus desafios. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. Disponível em: <http://www.antoniomoser.com/site/index.php?option=com_content&view=article&id=82:o-envelhecimento-da-papulacao-brasileira-e-seus-desafios&catid=34:artigos&Itemid=41>. Acesso em: 25 maio 2010.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso, imaginário social e conhecimento. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/911/817>>. Acesso em: 30 maio 2010.
- _____. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica sobre a afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João Carlos. *Espaço geográfico mundial e globalização: 8ª série*. São Paulo: Scipione, 2000.

Interfaces da Educ.	Paranaíba	v. 1	n. 2	p. 16-27	2010
---------------------	-----------	------	------	----------	------